

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

Tania Cordova¹

Resumo

O interesse pela cultura escolar tem lançado novos olhares aos objetos da escola. Entre os objetos ressignificados pela pesquisa histórica, estão os cadernos escolares. Estes objetos constituem um importante produto da cultura escolar, uma vez que possibilitam ao pesquisador compreender a escola e o seu cotidiano. O presente trabalho objetiva problematizar o caderno escolar como documento para compreender dois campos historiográficos relacionados: a História da Educação e a História da Cultura Escrita. Para tal, o estudo perscrutou um caderno de produção de textos de uma ex-aluna da Escola Normal em Lages/Santa Catarina, na década de 1930. Este documento faz parte de um conjunto de 4 cadernos pertencentes a mesma aluna e tinha como função abrigar as produções de textos prescritas pelo Programa de Ensino das Escolas Normais. Destaca-se que este caderno configura a primeira fonte material problematizada em uma pesquisa de doutorado, em andamento, sobre a Escola Normal em Lages. Neste estudo o caderno escolar foi analisado como suporte das escritas escolares denominadas de cotidianas ou ordinárias, uma vez que nessas escritas podem-se encontrar vestígios que contribuem para a compreensão da pluralidade de redes tecidas entre alunos e escola e, ainda, entrever e ressignificar as manifestações de ensino e aprendizagem de uma cultura escrita presente no universo daquela instituição de formação de professores.

Palavras-chave: Caderno escolar, História da Cultura Escrita, História da Educação; Escola Normal.

No âmbito da pesquisa em História da Educação, o interesse pela vida cotidiana e pela cultura escolar tem lançado novos olhares aos objetos da escola. Entre os objetos ressignificados pela pesquisa histórica está o caderno escolar. Segundo Viñao Frago (2008), este objeto configura um significativo produto da cultura escolar e, tem possibilitado aos pesquisadores compreender a escola e o seu cotidiano, uma vez que configura um importante dispositivo para conhecer seu autor, bem como sua rede de relações, seu modo de expressar conhecimentos, sentimentos, enfim, suas subjetividades.

De acordo com o mesmo autor “os cadernos escolares são fontes não menos complexas que outras, as quais, nas últimas décadas figuram no cruzamento de três campos

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação. E-mail: taniacordova@bol.com.br. Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado orientado pela professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha.

historiográficos relacionados e complementares: a História da Infância, a História da Cultura Escrita e a História da Educação” (VIÑAO FRAGO, 2008, p.15).

No que tange a relação entre estes dois últimos campos historiográficos, Castillo Gómez (2012) alude às possibilidades de uma

aproximação de natureza transdisciplinar, que ultrapasse as fronteiras e os constrangimentos derivados dos ajustes curriculares apostando em uma indagação atenta aos métodos e problemas que podem suscitar as distintas disciplinas interessadas nesse âmbito de estudo (CASTILLO GÓMEZ, 2012, p. 70).

Nesta perspectiva, a relação entre História da Educação e História da Cultura Escrita configura um caminho para reflexão, do qual, sem dúvida pode resultar significativas contribuições à escrita da História.

Ainda, segundo Castillo Gómez (2012), a História da Cultura Escrita está pautada em três conceitos-chave: os discursos, as práticas e as representações. Analisar as formas pelas quais as sociedades se apropriam das maneiras de ler e escrever auxilia na compreensão das representações construídas por determinados indivíduos e grupos sociais e, portanto, na percepção do momento histórico em que os discursos foram elaborados.

Desta maneira, o que está plasmado no caderno escolar pode contribuir para entender a produção de sentidos por parte dos sujeitos que frequentaram a escola em um determinado contexto social e as representações por eles elaboradas, ressignificadas a partir das práticas educativas.

No âmbito da História da Cultura Escrita, se tem dado visibilidade às escritas cotidianas ou ordinárias (VIÑAO FRAGO, 2008), onde estas escritas têm sido dimensionadas, pela pesquisa historiográfica, não somente como parte do consumo passivo dos conteúdos escolares, mas como parte das práticas cotidianas de consumidores que desenvolvem táticas para fugir de uma prescrição, de uma norma estabelecida e desenvolvem gostos, práticas e suas próprias artes de fazer (CERTEAU, 1994). Ou seja, para além, do consumo puro e simples, os praticantes da vida cotidiana da escola (professores e alunos) desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso de regras e produtos com os quais convivem, tornando-se produtores/autores, disseminando outras possibilidades, manipulando-as, ao seu modo, mesmo que de forma quase invisível e marginal (Idem).

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

Assim, as escritas cotidianas e ordinárias² encontradas no caderno escolar são indícios que contribuem para a compreensão da pluralidade de redes tecidas entre alunos e escola, marcadas pela singularidade de cada um no uso desse objeto/artefato, o que permite refletir sobre seus possíveis usos e significados.

Ao tratar das escritas cotidianas e ordinárias na perspectiva da cultura escolar, Maria Teresa Santos Cunha (2007) destaca que os materiais produzidos por alunos são vestígios que guardam memórias da educação escolarizada e possibilitam rastrear o conjunto de códigos culturais nele escritos e permitem ao pesquisador o reconhecimento de um sistema de regras culturalmente construídas e encarnadas nas concepções da pedagogia.

O uso das escritas ordinárias, como fonte/documento, na História da Educação foi possível a partir da viragem teórico-metodológica ocorrida no campo da História nas últimas décadas do século XX. Essa viragem historiográfica, denominada de Nova História ou História Cultural, passou a considerar tudo o que é produzido pelo homem comum, quando problematizada, como documento/fonte. Nessa perspectiva, a ampliação da noção de documento e as novas abordagens historiográficas possibilitam ao pesquisador da educação, preocupado em examinar o vivido na sala de aula, voltar-se para o caderno escolar, considerado, então, um importante objeto ou fonte de pesquisa (MINGNOT, 2008), para a compreensão da vida da escola, uma vez que põem em jogo métodos e procedimentos experimentados na aula e fora dela.

Como produto da escola, este objeto didático tem sido perspectivado, na História da Educação, como já mencionando, a partir da abordagem da História Cultural.

A inserção de aspectos culturais, na investigação histórica, possibilitou a História da Educação movimentar novas categorias de análise como a Cultura Escolar. Em a “Escrita da História”, Michel de Certeau (2000), propõe uma reflexão acerca da relação entre a prática da pesquisa de campo e a produção do discurso historiográfico. De acordo com o autor, a organização de uma narrativa inteligível, que é a prática privilegiada da interpretação história, pressupõe a movimentação de uma operação que possibilita ao historiador lançar mão de conceitos que podem ser considerados categorias históricas, na medida em que, ao mesmo

² De acordo com as pesquisadoras Ana Crystina Venâncio Minot e Maria Teresa Santos Cunha (2006), as escritas cotidianas e ordinárias são as escritas produzidas pelo sujeito comum, são as escritas produzidas pela ordem do comum. As escritas presentes nos cadernos escolares são consideradas ordinárias e passaram a ser percebidas como fontes/documentos para a historiografia a partir da década de 80 do século XX, quando as abordagens da História Cultural rompeu com o modelos positivistas e inseriu no rol da investigação tudo aquilo que é produzido, fabricado pelo homem comum. Desta forma, os objetos da escola, entre eles os cadernos escolares, são considerados como produtos da cultura escolar e, como tal, documentos sobre os quais se pode produzir história.

tempo, se constroem como unidades de significado, conferindo ordem à documentação, e se desconstroem pelo próprio movimento do arquivo (CERTEAU, 2000, p. 104).

A Cultura Escolar, como nova categoria de análise histórica tem cumprido, na História da Educação, o que propõe Certeau, dar novos sentidos e ressignificar os velhos. Ou seja, a Cultura Escolar tem possibilitado a investigação histórica da educação, olhar a instituição escolar a partir de perspectivas até então desconsideradas pela História. Assim, esquadrinha-se novas perspectivas, novas investigações que possibilitam a produção de novos discursos historiográficos.

E, é no lidar com as novas possibilidades de pesquisa, com os objetos da escola como fonte que se inscreve a intenção deste texto. É no caderno escolar, como fonte privilegiada de pesquisa, como espaço gráfico e produto da cultura escolar (VIÑAO FRAGO, 2008), que se busca compreender as relações que estabelecem entre o currículo prescrito, a prática pedagógica e os usos deste material didático.

Ao considerar o caderno escolar como fonte/documento privilegiado a História da Educação, se faz necessário perspectivá-lo a partir de algumas possibilidades de análise. De acordo com Angulo (2012), a primeira possibilidade reside na constituição deste objeto enquanto suporte das escritas escolares, denominadas, como já sinalizado, de cotidianas ou ordinárias. A segunda, diz respeito ao caderno ser uma evidência, um vestígio da transposição real do currículo oficial, ou um desvio dos cumprimentos deste currículo. Uma terceira possibilidade está associada ao fato do caderno escolar permitir indagar sobre os aspectos sócio-educativos da ação pedagógica do professor, onde é possível perceber, através destas fontes, a marca pessoal da prática docente, a transmissão de modelos, valores e atitudes, sentimentos, a formação de hábitos de trabalho. E, por último, o caderno escolar, também, é um lugar que permite compreender a construção do aluno, suas opções, escolhas, apropriações, ressignificações, enfim, o caderno escolar tem oportunizado aos historiadores/pesquisadores da educação preocupados em examinar o vivido na sala de aula, verificar, perceber “o cotidiano escolar a partir da ótica do aluno e do professor, em suas manifestações táticas de organização, mobilização e produção das ações de uso de tais objetos didáticos” (KIRCHNER, 2013, p.2).

Dentro desta perspectiva, pretende-se analisar um caderno de produção de texto pertencente a uma ex-aluna da primeira turma da Escola Normal Secundária localizada na cidade de Lages, interior do Estado de Santa Catarina. O objetivo em utilizar o caderno desta aluna como fonte de investigação histórica se inscreve na esteira da investigação já clássica de

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

Gvirtz (1997), que registrou a utilização do caderno escolar como fonte que oportuniza uma forma de aproximação para os estudos sobre as práticas da escola. O desenrolar dessas práticas representa um processo de negociação do currículo prescrito e as formas como este currículo é dado a circular na escola. Bandanelli Rubio e Angulo (2008), alertam que o caderno escolar pode testemunhar o que se pretende ensinar aos alunos, porém, nem sempre é capaz de mostrar tudo o que foi aprendido em dado momento escolar. Esta proposição alerta para o entrecruzamento de fontes, isto é, o caderno escolar também pode ser complementado com outras fontes históricas como livros didáticos, manuais, trabalhos de alunos, atas de inspeção, propostas pedagógicas, autobiografias, informações obtidas através de relatos orais, entre outras.

Nesse sentido, considera-se o caderno da ex-normalista uma fresta para entrever parte do processo de negociações entre o prescrito pelo currículo escolar, o trabalho pedagógico executado pelo professor, e a aprendizagem do aluno em relação às formas, tipos de escritas desenvolvidas pela normalista no período de frequência à Escola Normal em Lages.

Para tal, dimensionaram-se as escritas encontradas neste caderno vinculando-as a dois campos historiográficos: a Educação e a Cultura Escrita, uma vez que a aproximação destes campos tem produzido, em acordo com Castillo Gómez (2012), significativas contribuições à escrita da História.

A Escola Normal Secundária foi criada pelo Decreto nº 445, de 22 de dezembro de 1933. A instalação desta escola, no município de Lages, representou, no cenário da educação estadual, a segunda instituição pública destinada a formar docentes para atuar no ensino primário³. A proposta de instalação da Escola Normal justificou-se pela “necessidade de formar professores normalistas para exercerem o magistério nas zonas rurais, que por circunstâncias diversas, não é possível frequentar a Escola Normal Catarinense, localizada na capital do estado” (RAMOS, 1933).

Quase cem anos após a criação da primeira Escola Normal⁴ no país, na cidade de Lages são abertas as inscrições para os interessados em frequentar a segunda Escola Normal Pública no estado. O jornal local, *A Época*, em 21 de fevereiro de 1934 divulgava que as

³ Neste período havia no Estado de Santa Catarina cinco instituições de ensino destinadas a formar professores para as escolas primárias. A Escola Normal Catarinense, única instituição pública no Estado, localizada em Florianópolis, e quatro outras instituições de iniciativa privada vinculadas a Congregações religiosas: O Colégio Coração de Jesus, localizado em Florianópolis, o Colégio Santo Anjo, localizado em Porto União, o Colégio Aurora, instalado na cidade de Caçador e outra instituição, anexa ao Colégio Coração de Jesus localizado em Canoinhas.

⁴ A primeira escola para formação de professores no Brasil foi criada em 1835 em Niterói, capital da Província do Rio de Janeiro.

inscrições para o exame de admissão para a Escola Normal estariam abertas entre os dias 27 de fevereiro e 5 de março, sendo sua realização no dia 06 de março.

Em 18 de março, o jornal *A Época*, divulgava os nomes e as médias dos candidatos aprovados para a primeira turma da Escola Normal Secundária em Lages. Entre os candidatos aprovados, com média 6,80, encontrava-se o nome da ex-normalista, consumidora/produtora do caderno escolar esquadrinhado neste trabalho.

O caderno analisado faz parte de um conjunto de 4 cadernos que cobrem os anos de 1934 a 1936, período em que a normalista esteve vinculada a Escola Normal e, somente foi possível usá-lo por um feliz acaso. De acordo com Ginzburg (1997), felizes acasos ocorrem com frequência em pesquisas históricas. Discorrer, brevemente, sobre este feliz acaso, torna-se importante para compreender os alcances e as limitações das proposições expostas nesta investigação.

Ao buscar fontes para a construção da tese de doutoramento deparou-se com a pesquisa sobre a Escola Normal em Lages realizada por Flávia Maria Pinto Machado⁵. No processo de construção de seu trabalho, a pesquisadora entrevistou uma das ex-aluna da Escola Normal. A normalista entrevistada presenteou-a com 4 cadernos, guardados desde a década de 30 e bem conservados. Por opção metodológica a pesquisadora não utilizou este material como fonte em sua dissertação. Em contato com a pesquisadora, a mesma disponibilizou um conjunto de documentos constituídos por: Legislação escolar, entrevistas transcritas de ex-alunos, excertos de jornais e os 4 cadernos que contém registros de aula e produções de texto desenvolvidas pela aluna. Desta forma, os cadernos da ex-normalista são as primeiras fontes materiais da Escola Normal Secundária a serem perscrutados em uma investigação sobre a emergência da Escola Normal Secundária em Lages.

Sobre o guardo e a seleção de cadernos Viñao Frago (2008), sinaliza ser esta uma ação mediada por um processo de subjetividades onde, salvo exceções, são guardados os melhores cadernos, os de capa ou conteúdos esteticamente bonitos, os produzidos para exposição. Este autor chama a atenção para não incorrer em tomar estes objetos da cultura material da escola como uma expressão “normal” ou uma mostra representativa do conjunto de afazeres do aluno em sala de aula.

Nesse sentido, as atividades registradas no caderno da ex-normalista foram contextualizadas de acordo com as práticas escolares e escritas, das disciplinas, das

⁵ Esta pesquisadora desenvolveu para o programa de Pós-Graduação em educação da UFSC, a dissertação de mestrado intitulada Escola Pública em Lages na década de 1930: espaço de disputa política?

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

prescrições legais do currículo e dos Programas de Ensino, das pautas escolares, sociais e culturais da época em que foi produzido. Como produto escolar, Viñao Frago afirma que “o caderno reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que é utilizado” (2008, p. 22).

No que diz respeito aos usos e tipos de cadernos que compõem o conjunto, os mesmos estão relacionados as tipologias e aos usos propostos, também por Viñao Frago (2008), onde três destes cadernos enquadram-se no uso de cadernos de “trabalho” ou caderno de “resumo”, no qual cada aluno sintetiza, estrutura e desenvolve os ensinamentos de uma matéria ou disciplina em função das explicações do professor e de informações procedentes, na maneira de textos escritos. O quarto caderno, objeto de análise deste trabalho, corresponde a um caderno de textos, onde as produções mais recorrentes são as elaborações de cartas reais e imaginárias (onde o aluno imagina uma situação e assina como sendo outra pessoa), redações sobre temas sugeridos pelo professor e as composições livres. Estes três tipos de manifestações textuais permitiram uma aproximação com as práticas de escrita em circulação na Escola Normal, bem como a visualização de técnicas de aprendizagem da escrita e diferentes formas de expressões como: cópias, interpretações, entre outras.

No caderno analisado foram, ainda, encontradas outras formas de escrita como: requerimentos de matrícula, elaboração de ofícios, descrições, procurações, interpretações, e que por opção de elaboração do texto, não serão problematizados neste trabalho e que, no entanto, não são desconsiderados enquanto possibilidades de aprendizagem.

Sobre a escrita de cartas na escola María del Mar del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora (2008), em um estudo sobre os usos dos cadernos escolares nas escolas espanholas no período entre 1922 a 1942, sinalizam ter sido este tipo de escrita, um dos exercícios mais habituais nas escolas daquele país. Estes exercícios tinham como objetivo ensinar aos alunos os rudimentos da forma mais popular e comunicação entre pessoas. Qual função sobre a aprendizagem exercia a escrita de cartas na Escola Normal em Lages? Que tipo de cartas estão presentes no caderno da ex-normalista?

O caderno escolar começa a circular nas escolas brasileiras nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Souza (1998), foi a partir da escola republicana, que previa uma organização mais complexa e racional, que o caderno adentrou o fazer escolar. O uso deste objeto na escola, segundo a autora, estava associado ao barateamento do papel e aos avanços tecnológicos de sua produção. Estes aspectos possibilitaram ao caderno alcançar o status de principal suporte da escrita escolar ganhando

força como parte do projeto republicano de educação escolar, um projeto que preconizava a racionalização do ensino e a visibilidade de um ideário de modernização.

Nas escolas de formação de professores, o caderno escolar, possivelmente, constituiu um importante dispositivo escritural. Sobre esta função do caderno, Chartier (2002), sinaliza que este instrumento de escrita ganhou espaço como objeto escolar associado à disciplina, higiene e controle do trabalho desenvolvido pelo aluno. A escrita, neste suporte, impôs ao aluno ordenamentos temporais, espaciais, corporais e intelectuais que são próprios da escola.

O Programa da Escola Normal Catarinense em 1892, de acordo com o Regulamento da Escola prescrevia que os “exercícios de redação sobre assuntos fáceis com subsídios fornecidos pelo professor”. A Reforma Orestes Guimarães, em 1911, instituiu que a disciplina de Português, inclusa nos três anos do curso, “objetivava assegurar aos futuros/as professores/as o patriótico aprendizado do vernáculo, considerado lócus da nacionalidade e meio privilegiado para o fortalecimento da coesão nacional” (TEIVE, 2008, p. 163). O ensino do Português deveria colocar o aluno em situação de aprendizagem onde uma das estratégias era constituir um ensino “eminente prático, aplicado de modo a contribuir para proporcionar ao aluno a posse do uso vivo da língua pátria e não de regras abstratas” (Idem, p. 164), o que acarretaria em uma não apropriação destes conhecimentos. Sob esta proposição os professores deveriam sugerir aos alunos a escrita frequente de redações que seriam

corrigidas e comentadas prosódica, ortográfica, sintática e estilisticamente mestre; de gramática aos casos ocorrentes, dando-se tudo de acordo com o adiantamento da classe, só por esse meio (...), poderão ser levados aos alunos à posse do mais necessário no uso vivo da Língua Pátria (Programa de Português e Princípios da Literatura da Língua, 1928. In: TEIVE, 2008, p. 164).

As redações, cartas e composições desenvolvidas pela ex-normalista não apresentam marcas de correção organizadas de acordo com o instituído pelo Programa. Não apresentam orientações de correção que possibilitassem ao aluno identificar o erro presente no texto produzido. As marcas de correção emitidas pelo professor ficam restritas a sinais gráficos que se mantêm, com certa regularidade, por todo o caderno, salvo três exceções onde o professor assinalou o erro de ortografia presente no texto.

Segundo Lopes (2008), a correção de cadernos escolares se apresenta como uma tarefa relevante e rotineira no cotidiano de professores e alunos. Essa atividade se apoia na certeza sobre a importância de acompanhar o desenvolvimento do aluno e de, a partir da correção,

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

promover possibilidades para que o aluno adquira determinados conhecimentos e prossiga em sua aprendizagem. O professor da Escola Normal, em momento algum, no caderno analisado, indicou, orientou, marcou ou promoveu um avanço na escrita da normalista. Sobre o ausente no caderno escolar retoma-se o alerta de Vinão Frago (2008), quando sinaliza que a produção registrada no caderno não corresponde necessariamente ao tempo dedicado àquela tarefa. Por isso mesmo, é importante sempre ter presente que o caderno escolar também silencia. Por exemplo, não trazem registros das intervenções orais, gestuais do professor e do aluno, o alerta do autor.

Assim, afirmar que a normalista não aprendeu, não desenvolveu as competências de escrita, ou ainda, que não teve, por parte do professor orientações em relação a melhoria na redação de textos é algo que se constitui um limite a essa investigação, pela impossibilidade de cruzar o caderno analisado com outras fontes. Todavia, o encontrado na fonte permite dimensionar, questionar sobre a relação prescrito e realizado, uma vez que ao não desenvolver marcas de correções conforme orientava o Programa de Ensino coloca o professor na posição de transgressor de normas e regras. Ou ainda, coloca-o, conforme Certeau (1994) como um consumidor não passivo que fabricou uma nova forma, uma forma alternativa de correção.

Registra-se que neste caderno, as marcas de correção estão destacadas dos demais sinais gráficos por meio de forma, cor (vermelho) e pela disposição no espaço gráfico da folha do caderno. Se os registros escritos dos alunos devem ser posicionados nos espaços internos das margens e estar alinhado sobre as pautas do caderno, o mesmo não ocorre com as marcas de correção do professor que são registradas afastadas da atividade do aluno, posicionadas à direita ou à esquerda, em destaque na folha do caderno e ainda, não respeitam a linha da folha, são em geral grafadas na diagonal e evidenciadas por traço abaixo do conceito como o intento de distinguir a ação (LOPES, 2008).

Em todo o caderno, apresentam-se 23 marcas de correção com características semelhantes: grafadas em lápis vermelho, localizadas na diagonal da folha, destacadas por um traço abaixo da marcação, em tamanho maior que a grafia do aluno. Estas marcas indicam a presença do professor no processo de produção dos textos, mas não possibilitam compreender qual a participação concreta do professor no processo uma vez que não há inscrições, conceitos, orientações. Somente a representação gráfica numérica ou de “v” (visto) que representa simbolicamente que ele [professor] “esteve ali e viu” a atividade no caderno. Este

ato, simbolicamente se assemelha ao *panopticon*⁶ proposto por Foucault (2003), onde o professor assume o papel de vigilante sobre a atividade do aluno, vê tudo e a marca e, por meio dessa representação, assinala o posicionamento hierárquico das relações institucionais.

Em relação a cor utilizada para grafar a correção, Lopes (2008), sugere que o uso da cor vermelha se deve à distinção entre o registro do aluno e do professor. A grafia em vermelho contribui, também, para direcionar o olhar, num primeiro momento mais para a marcação do que para a produção de texto do aluno.

Contrariamente aos aspectos levantados por Viñao Frago (2008) e já citados, o caderno de texto da ex-normalista é uma brochura com folhas costuradas, capa azul escura mesclada com cinza, contém 60 folhas pautadas das quais 58 estão ocupadas com produções de textos escritos a lápis e a caneta. Há no caderno alguns espaços em branco, o que talvez denote a ausência da aluna na aula e a intenção desta em retomar, repor a atividade perdida, os tipos de letras se diferenciam, sobretudo nas cartas.

A escrita presente, no caderno analisado, não surge de uma necessidade íntima, de um desejo de escrever sobre determinado tema, mas, de atividades orientadas pelo professor e constituem um desafio ao investigador da História da Educação e da História da Cultura Escrita em buscar o que de espontâneo e criativo há nestas escritas. Assim, passa-se a esquadrihar os vestígios que apontem um posicionamento da autora do caderno.

Para tal, selecionaram-se três modelos de exercícios de escrita, que, de certa forma permitiram o desenvolvimento de uma escrita mais pessoal e que possibilite pinçar elementos que vislumbrem a relação desta aluna com o universo da escola.

As cartas constituem um dos exercícios fundamentais da escrita. Na Escola Normal, essa atividade, possivelmente, teve o objetivo de ensinar ao normalista a forma mais popular, naquele período, de comunicação. A escrita de cartas, segundo Del Pozo Andrés e Zamoro (2008), é um suposto meio em que os alunos aprendem a expressar-se por escrito.

No conjunto de atividades de escrita de cartas encontradas no caderno, pode-se perceber uma diferença na letra, sobretudo nas cartas imaginárias as quais a aluna assinava

⁶ O *panopticon*, segundo Foucault, era fruto do processo de “normalização” do sujeito moderno, proveniente de estudos da “Sociedade Disciplinar”. Tais mecanismos de vigilância visam interiorizar a culpa e gerar remorso no indivíduo pelos seus próprios atos. O *panopticon* (...) permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas (FOUCAULT, 2003).

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

com os seguintes nomes: João, Antonio R. e Amir. Neste mesmo conjunto, encontraram-se apenas dois exercícios de escrita de carta assinados pela normalista e dizem respeito a uma atividade onde a aluna deveria desenvolver uma carta de pedido, ou seja, pedindo algo a alguém. A primeira versão da atividade deveria ser desenvolvida na 3ª pessoa do singular e depois transposta para a 3ª pessoa do plural.

A normalista optou em desenvolver uma redação abordando uma suposta amiga que estava em viagem ao Rio de Janeiro. Nesta abordagem solicitava a “Querida Collega” (sic), que lhe trouxesse um livro intitulado “Grammatica Francesa” (sic), que muito necessitava para o exame de Francês e que não conseguia encontrar em nenhuma das livrarias locais. A disciplina de Francês constituía o currículo da Escola Normal e era ministrada no primeiro e segundo ano. Ao finalizar a carta, a normalista deseja a colega uma “feliz e proveitosa estada que se divirta muito, que areje o espírito cansado de tantos estudos e vigílias, que readquiras novas forças para reatar os estudos com maior energia”. Ao sugerir isso à colega, não estaria a aluna aludindo a um estado no qual, também, se encontrava? Eis uma possibilidade de compreender na trama da escrita desejos, emoções subentendidas.

Na segunda proposta do exercício, a aluna deveria transpor a carta escrita para a 3ª pessoa do plural. A transcrição realizada apresenta erros de flexão de número. Logo no início da carta, já é possível identificá-los. A normalista redige “Querida Collega” (sic) ao invés de Queridas Colegas. Há ainda, ao longo do texto, outros erros que podem ser observados em destaque na imagem. Todavia, a nota atribuída a atividade é 9 e a existência de erros não foi identificado, sinalizado pelo professor. Esse aspecto contribui para reforçar, o já exposto neste texto, sobre as marcas de correção do professor que se afastam do prescrito pelo Programa de Ensino, o que denota um burlar a norma, uma tática desenvolvida para atender a uma demanda, ou ainda uma falta de comprometimento do trabalho docente entre outras problematizações que permitem tensionar a relação, a constituição do trabalho, da formação de professores na Escola Normal em Lages.

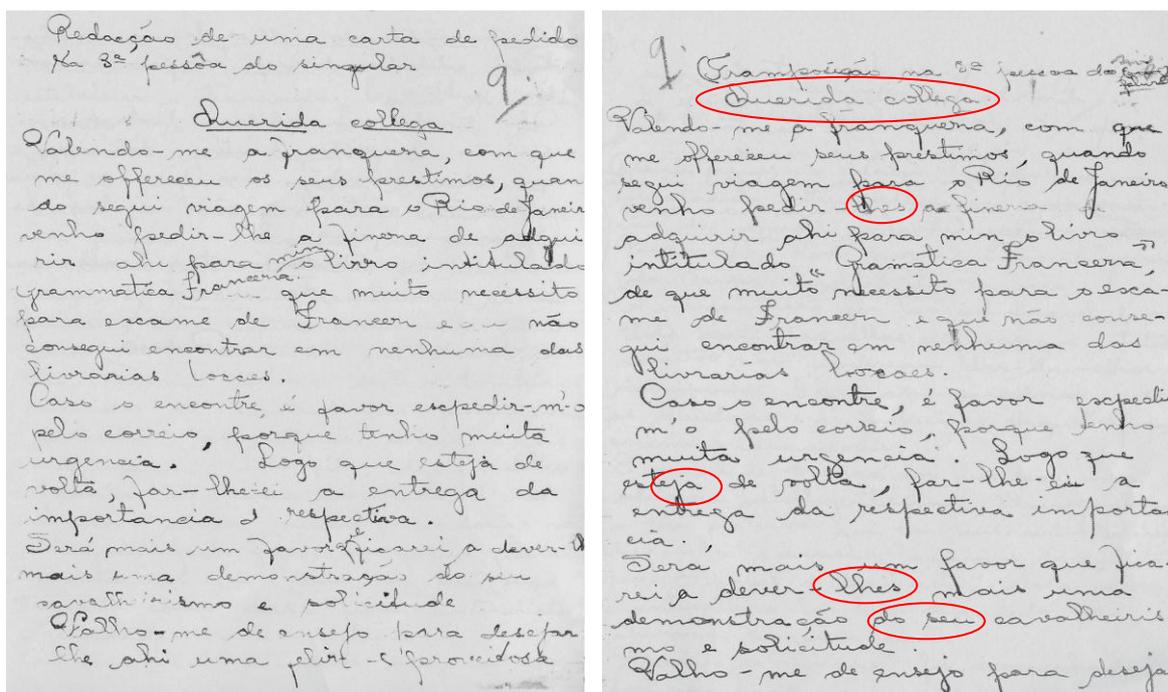


Imagem 1 – Exercícios de escritas de cartas encontrados no caderno de textos da normalista. Os destaques foram acrescidos como forma de assinalar na redação do texto os erros de concordância verbal. [Fonte cedida por Flávia Maria Machado Pinto, novembro de 2013].

Outro modelo de carta se inscreve na categoria de carta imaginária. No caderno analisado, este tipo de produção aparece seis vezes. As cartas imaginárias configuravam um tipo de escrita onde o autor colocava-se no lugar de outra pessoa e discorria sobre um determinado tema proposto pelo professor. A normalista escreveu seis destas cartas, discorrendo sobre os temas: descrição de um passeio, descrição de um desastre, descrição de um incêndio, uma carta de despedida, assinando-as como o pseudônimo de João, Antonio R. e Amir. Ao realizar este exercício, a normalista modificava o seu traço gráfico, talvez com o intento de dar um realismo à ação.

A composição livre é outra forma de escrita, presente no caderno. Nesse tipo de escrita, o aluno desenvolvia o texto em uma extensão mais ampla que a carta e mobilizava argumentações mais livremente que nos ofícios e requerimentos. Todavia, o tema o qual o aluno discorreria era dado pelo professor, o que permite questionar o quão livre era este exercício.

No caderno analisado encontram-se sete composições sobre os seguintes temas: um espetáculo teatral, uma fita cinematográfica, uma floresta, sobre o cinema falado, a visita a uma mina de ouro, o combate naval de Riachuelo e sobre uma árvore que cantava. Nestas composições é possível entrever frestas de criatividade e fruição, como por exemplo, na

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

composição sobre o cinema falado, onde em alguns excertos da redação a normalista coloca-se em situações vividas pelo acontecimento, como mostra o destaque na imagem. A narrativa perpassa duas páginas e meia do caderno, o que se comparado com outras produções escritas como as cartas, por exemplo, é significativa.

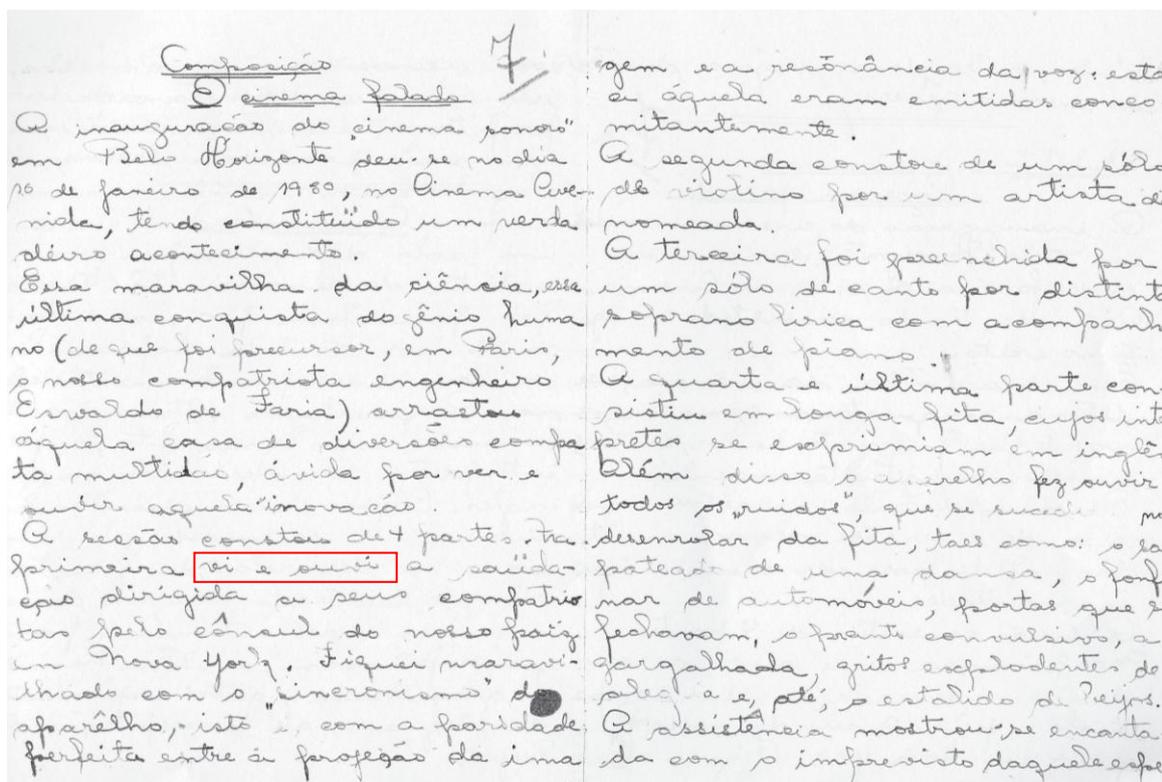


Imagem 2 – Exercício de escrita de uma composição encontrada no caderno de textos da normalista. O destaque foi acrescido como forma de assinalar na redação a presença da autora como personagem da experiência descrita. [Fonte cedida por Flávia Maria Machado Pinto, novembro de 2013].

Há ainda, outras propostas de escrita baseadas em procedimentos de cópia, memorização e reproduções de modelos como ofícios e requerimentos, que podem dar ênfase a apropriação de recursos gramaticais e retóricos legitimados pelas prescrições curriculares da época.

Os diferentes tipos de textos, encontrados no caderno analisado, denotam a mobilização dos recursos curriculares prescritos pelo Regimento das Escolas Normais em produzir e difundir os saberes destinados a formação moderna do professor secundarista. No entanto, a apropriação das habilidades que tornariam esta proposição concreta encontra-se um tanto afastadas talvez pela ação do professor em não orientar o desenvolvimento das escritas, uma vez que as marcas de correção indicam uma superficialidade neste processo. Ou ainda, talvez, ligada a produção escrita da ex-normalista ausente de uma produção de si.

Contudo, a materialidade expressa neste caderno propiciou a aproximação com o universo escolar. O mesmo configura, como já expresso no texto, o primeiro objeto da Escola Normal que possibilitou entrever a ex-aluna em situação de aprendizagem, oportunizando a investigação histórica desta instituição bem como esquadrihar algumas práticas presentes no processo educativo, como os tipos de escrita desenvolvidas e a ausência de uma correção de texto mais elaborada, mais próxima ao prescrito pelo Programa de Ensino. Confiando, pois na potencialidade desses vestígios (THOMPSON, 1998) pretende-se levantar outras marcas do passado desta escola para, através da movimentação dos registros, entrever pistas para análises posteriores.

Referências

ANGULO, Kira Mahamud. **Adoctrinamiento emocional y socialización política en el primer franquismo (1939-1959)**: Emociones y sentimientos en los manuales escolares de enseñanza primaria. Madrid/Espanha, 2012, 356 p. Tesis Doctoral. Facultad de Educación, UNED.

BADANELLI RUBIO, Ana María; ANGULO, Kira Mahamud. Cuadernos escolares: um exemplo de la práctica de la escritura em el franquismo. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. (ed). **Mis primeros passos**: alfabetización, escuela y usis cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). España: Trea, 2008. P. 259 – 280.

CERTEAU, Michel. de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 9. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Anne. Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 3, p. 1 – 18, jan./jun., 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 79 – 99.

DEL POZO ANDRÉS, María del Mar, ZAMORA, Sara Ramos. Representaciones de La Escuela y de la cultura escolar em los cuadernos infantiles (Espana, 1922 – 1942) In: In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio.; SIERRA BLAS, Verónica. (ed). **Mis primeros passos**: alfabetización, escuela y usis cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). España: Trea, 2008. p. 259 – 280.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

Uma fresta para entrever a cultura escrita: o caderno escolar como documento para o conhecimento das práticas de escrita na Escola Normal em Lages/SC

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betana Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

GVIRTZ, S. **Del curriculum prescripto al curriculum enseñado**: una mirada a los cuadernos de classe. Buenos Aires: Aique, 1997.

KIRCHNER, Cassia Aparecida Sales Magalhães. O caderno de alunos e professores como produto da cultura escolar. **V Congresso de Ensino e Pesquisa de História da Educação**, Minas Gerais, p. 1 – 11. Disponível em <http://www.congressods.com.br>. Acesso em 10/05/2014.

LOPES, Isa Cristina da Rocha. Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 187 – 203.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio, CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivo de profesoeres/as. **Revista Educação em Questão**, Natal/RN EDUFRRN. v. 25, n. 11, p. 40 – 61, jan./abr. 2006.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

PINTO, Flavia Maria Machado. Escola Pública em Lages na década de 1930: espaço de disputa política?. Florianópolis, 2001, p. 142. Dissertação de mestrado. UFSC/PPGE.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização**: a implantação da escola primária graduadas no Estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo: UNESP, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Os Cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e histotográficos. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 15-34.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Uma vez normalista, sempre normalista**: cultura escolar e produção de uma habitus pedagógico. Florianópolis: Insular, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes

Jornal **A Época**, 18 de março de 1934.

RAMOS, Aristiliano. **Mensagem do Interventor Estadual**. Apresentada ao Congresso Representativo do Estado, em 04 de fevereiro de 1934.

SANTA CATARINA, Decreto Lei n. 713 de 05 de janeiro de 1935.

SANTA CATARINA, **Programma de Ensino da Escola Normal Catharinense**. Florianópolis: Gabinete da Typographia Guttenberg, 1908.